

Vocês estão me ouvindo?

Daniela Moreira Bastos

Sexta-feira. À noite.

- Vocês estão me ouvindo?

Fazer essa pergunta perante os ícones das fotografias de cada “ouvinte” da aula era muito angustiante.

O que será que os alunos estão fazendo por trás dessas câmeras fechadas?

Se me ouvem, será que me compreendem? Dentre as tentativas falhas de comunicação uma sensação ruim.

No meu imaginário, era como se estivesse na sala de aula, aquela física mesmo, e que cada aluno estivesse de costas para mim. Me senti invisível.

Apesar de que, dentre as coisas não tão ruins que acontecem nas aulas online é que somos ignorados de forma indireta, às vezes disfarçado de “eu não tenho nenhuma dúvida professor”, ou até mesmo de “tive problemas com a internet, não pude te ouvir direito”.

Essa experiência me fez refletir muito. O fato é que estamos todos cansados de tantas telas e reuniões online.

Tal ensino distante (à distância) que não só nos separou fisicamente na academia e nas escolas, mas que também nos sobrecarregou e principalmente nos tornou, dentre outros fatores, distantes da empatia com os professores.

Dentre cargas horárias absurdas e infinitas um comentário: “bom mesmo está para o professor que está em casa”, “as aulas precisam voltar para que o professor volte a trabalhar”.

São falas e situações que junto aos outros fatores nos fazem refletir sobre o que é ser professor e nos questionar se queremos continuar a ser.

Será que algum dia nos ouvirão?

Falante demais?

Caio da Silva Lourenço de Oliveira

Era mais um dia de aula presencial, na verdade, o último da semana do rodízio realizado na divisão das turmas por causa da pandemia, uma sexta-feira de clima ameno e no qual chegamos na escola. Tivemos as aulas regulares e após o almoço servido no refeitório da escola e o intervalo, fomos em direção a sala de aula para que pudéssemos ter a aula da eletiva Somos Todos Cultura,

onde geografia e educação física se fundem em uma só disciplina.

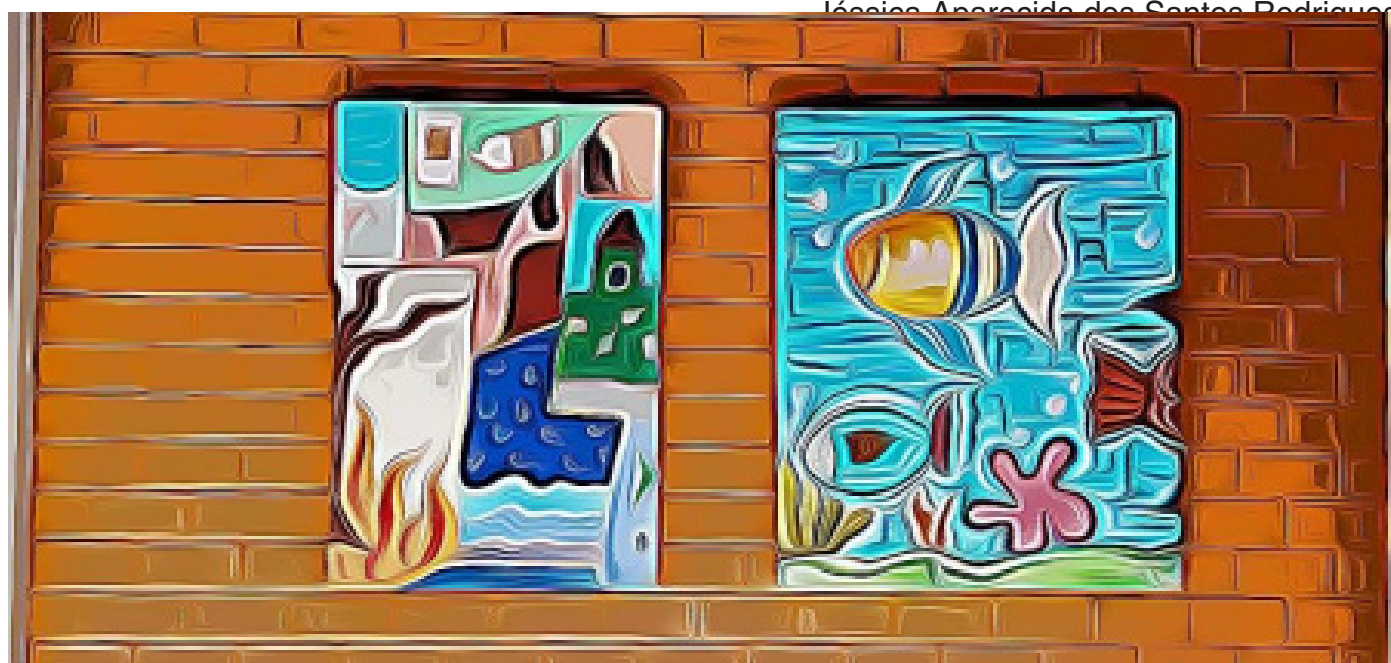
A professora Cláudia pediu nossa presença na aula e nos disse que o tema seria em relação ao mapeamento de locais de cultura e lazer no município de Campinas. Mais uma vez, os estagiários que vão dar a aula de forma remota e os professores Cláudia e Júlio, só vão supervisionar. As vezes tenho dúvida se Cláudia e Júlio consideram nossa turma participativa nas discussões que são propostas. Eu me considero falante e participativa. Espero que a turma me acompanhe nessa.

A aula é iniciada e os estagiários praticamente fazem um raio-x da disposição dos equipamentos de cultura e lazer pela cidade toda, e uma coisa logo me chama atenção, a região que eu moro não tem muitos desses locais... e porque isso acontece? Me dou conta de que também existem coisas na região que moro que não estão sinalizadas ali. Preciso contar isso para os professores e estagiários. Às vezes tenho a impressão de que sou intrometida demais e de que falo demais e chego a perceber isso nos olhares que recebo de alguns colegas de classe. Mas fazer o que se eu gosto de falar e de discutir sobre temas que considero importantes?

A aula termina e eu me sinto aliviada por ter conversado e discutido com os professores e estagiários sobre o tema da aula. Sinto que aprendi e que os ensinei de alguma forma sobre meu cotidiano e o lugar onde eu vivo. É, acho que valeu a pena esse tempo. Pena que semana que vem não estarei presencialmente na sala de aula. Mas na próxima espero que eu esteja.

Um corredor no meu mundo...

Léaísa Aparecida dos Santos Rodrigues



Geovana estava acostumada com as dificuldades de ser professora de geografia... Ali, conhecendo a escola nova, ficou parada um tempo olhando para todos aqueles quadros pintados com temas vários, expostos nos corredores, saguões, entrada das salas, enfim: uma escola públi-

ca com várias obras pintadas por alunos e professores.

Como se avalia o aprendizado de um estudante?

O período era pandêmico e o país era o Brasil. Revendo a história do Brasil em minutos

Geovana até entende que nada até ali tinha sido tranquilo, mas agora o mundo parecia capotar. Apesar do risco constante do adoecimento, e também morte, ali estavam professoras e professores em aulas presenciais com alguns alunos se alternando nas idas à escola. Pois bem, apesar da tragédia, uma sala de aula com um terço dos alunos, de uma maneira ou de outra, até que permitiu alguma aproximação entre alunos e professores...

Ali as conversas atravessavam o cotidiano para além da disciplina, entravam no dia-a-dia dos alunos, nos seus finais de semana, nas angústias... Parece que na tragédia a sala de aula fez mais sentido.

O tema da aula era paisagem, Geovana sentia muita dificuldade para falar sobre isso com os alunos porque é um tema complexo e que exige um nível de abstração muito grande: a palavra paisagem remete somente a paisagens bonitas e fotogênicas. *E como que você explica pra alguém aquilo que só a pessoa vê?*

Conceitos explicados, era hora de Geovana passar algumas perguntas para poder ter uma noção do que os alunos entenderam e sobre como eles fazem para expressar seu entendimento do conteúdo. *Como se avalia o aprendizado?*

As questões eram aplicadas no final da aula para saber o que os alunos entenderam. Uma aluna, em específico, estava um pouco agitada. E mexia na cabeça, e mexia a perna, e olhava pra cima, levantava da cadeira e falava sozinha. Geovana foi até a aluna para saber se estava tudo bem. A aluna era a Sandra.

Sandra é muito faladora, cheia de histórias pra contar. Nesse dia, Sandra estava visivelmente nervosa. Quando Geovana se aproximou de Sandra e perguntou se estava tudo bem, ela ouviu o seguinte: “Professora! eu sei responder todas essas perguntas, mas eu não consigo encontrar as palavras pra escrever”. Geovana respondeu que se alguém não consegue escrever o que entendeu, é porque a pessoa talvez não tenha realmente entendido. *O entendimento só se realiza na escrita?*

Sandra, apesar de não ter gostado muito de ouvir isso, levantou, pegou na mão da professora e a levou para ver dois quadros. O primeiro quadro era de um fundo de mar, com peixinhos, com algas marinhas e um fundo azul muito bonito. O segundo quadro, tinha a representação de uma cidade, uma floresta com árvores caídas, fogo, lixo, poluição, muitas cores escuras de fundo. Sandra explicou: “Tá vendo esse quadro professora? Esse aqui do mar, mostra uma paisagem que o ser humano nunca pisou, podemos ver aqui que não tem nenhuma poluição e os peixes, que representam a natureza, estão saudáveis. Enquanto neste outro quadro, dá pra ver que o ser humano mudou tudo, cortou todas as árvores, se tem cidade é porque tem ser humano morando e se tem ser humano, ele vai mudar toda a paisagem que antes era natural”.

Geovana aprendeu algumas coisas... A Sandra tinha entendido a matéria e tinha uma relação orgânica com a escola, tanto que na falta de palavras ela sabia exatamente onde encontrar as respostas. Pois bem, as formas de saber se um aluno entendeu ou não o que foi passado são muitas possíveis, tantas quantas forem os alunos. *Quantas avaliações não souberam avaliar outras Sandras pela falta de palavras e da escrita?*
